

PŌDIUM

EDUCAÇÃO, PRODUTIVIDADE E COMPETITIVIDADE
NA IBEROAMÉRICA

NÚMERO 7 / JUNHO 2020



cipyc
CONSEJO
IBEROAMERICANO
PARA LA
PRODUCTIVIDAD
Y LA COMPETITIVIDAD

Organização
de Estados
Ibero-americanos



Para a Educação,
a Ciência
e a Cultura

Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

CONTEÚDO

JUNHO 2020

Apresentação

Mariano Jabonero, Enrique Iglesias y Enrique García

Pág. 1

Educação superior, competitividade e produtividade na Ibero-América

Germán Ríos

Pág. 4

Um inesperado cenário econômico para 2020

Miguel Hakim

Pág. 20

Melhor três horas antes do que um minuto tarde

Nicolás Remedi

Pág. 26

A rainha vermelha

Ricardo Salinas Pliego

Pág. 29

Entrevista

Enrique García analisa os desafios que a América Latina enfrentará após a pandemia

Pág. 31

Principais publicações sobre ensino superior e produtividade

Pág. 38

APRESENTAÇÃO

O número anterior da revista Pódium (dezembro 2019) reitera a intenção de alentar a parceria entre o Conselho Ibero-Americano para a Produtividade e a Competitividade (CIPC), e a Organização de Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI), no âmbito do Instituto Ibero-Americano para a Educação e a Produtividade (IIEYP), acordo que abrirá novas oportunidades de trabalho.

A OEI, com seus 70 anos de trajetória, é a entidade decana no sistema Ibero-americano de cooperação. Seus 17 escritórios, em outros tantos países ibero-americanos, além do de Lisboa e sua Secretaria Geral em Madrid, formam a organização do sistema ibero-americano de cooperação com maior presença e atividade na região, além de ter uma privilegiada relação institucional com os governos ibero-americanos, com as mais diversas organizações públicas e privadas e com entidades multilaterais como o BID, o CAF, a CEPAL ou a União Europeia.

A baixa produtividade da Ibero-América tem sido uma preocupação constante para a OEI, preocupação que sempre esteve associada à educação: mais e melhor educação para todos, com maior qualidade, com oportunidades ao longo da vida, como corresponde a uma sociedade que vive em permanente incerteza e mudança, bem como uma educação mais pertinente, ou seja, que responda às necessidades de desenvolvimento e melhoria da produtividade em nossa região. Só se enfrentarmos esse desafio, poderemos superar a armadilha da produtividade, uma das armadilhas da renda média, de acordo com a CEPAL. A produtividade sempre foi importante para atingir maiores níveis de crescimento econômico, mas na era pós-COVID-19 isto será ainda mais importante. A única forma para os países da América Latina e do Caribe possam convergirem com a renda por habitante da Península Ibérica é através do uso eficiente de seus fatores de produção.

Nesse contexto, consideramos necessário destacar a importância de dois subsistemas de educação por sua estreita relação com a melhoria da produtividade. Em primeiro lugar, a educação profissional técnica, a permanente irmã pobre da educação ibero-americana que é, como mostra a realidade dos países com maiores índices de produtividade, a oferta de formação que contribua mais diretamente para essa melhoria por sua estreita ligação com o mundo produtivo. E, ao mesmo tempo, o ensino superior, que com um crescimento vertiginoso penetrou em nossa região e que já somam quase 30 milhões de estudantes e aproximadamente 3.724 instituições de ensino superior na região, conforme mostra um recente relatório da OEI, oferta educacional fortemente associada ao desenvolvimento da inovação e da pesquisa, propósito de difícil cumprimento em nosso caso se consideramos que menos de 15% de nossos professores universitários são doutores, a escassa internacionalização de nossas universidades e que somos a segunda região do mundo com menor mobilidade acadêmica.

É óbvio que temos de trabalhar muito em prol dessa relação entre a educação e a produtividade, e sobretudo se desejamos fazê-lo para chegar nas melhores condições possíveis à era que já vem sendo chamada de “a quarta revolução industrial”, marcada pela internet das coisas, robótica ou, ente outros aspectos mais, pela inteligência artificial.

Estávamos preocupados com estas questões, que continuam sendo vigentes, e também com o moderado crescimento de nossa economia cuja previsão era de 1,8%, quando chegou o COVID-19 e, como um furacão biológico, arrasou todas as previsões e modificou com extrema rapidez todo tipo de previsão. Já sabemos que a economia da região sofrerá uma queda drástica, atualmente de pelo menos 6%; os preços das matérias-primas, começando pelo petróleo, seguirão o mesmo caminho, assim como as exportações e a entrada de remessas; a atividade turística será reduzida ao mínimo; e o desemprego, sobretudo na economia informal, aumentará de forma exponencial. O pior cenário desde a Grande Depressão de 1929.

Diante desta situação, a reação dos governos será limitada pelos frágeis sistemas de proteção social, pela falta de experiência (ou atávicas desconfianças) nas parcerias público-privadas, uma situação de emergência diante da qual nossas frágeis e muito endividadas economias terão pouquíssima capacidade de reação e quase só nos resta a esperança, já reivindicada por líderes políticos regionais, de que haja uma generosa reação por parte do Fundo Monetário Internacional, BID, CAF, Banco Mundial e da cooperação internacional. De novo recuperamos a confiança naquilo que jamais deveríamos ter perdido: a política multilateral.

Esperam-nos tempos muito difíceis.

Momentos nos quais nosso esforço para combinar mais e melhor a educação com a produtividade em nossa região se torna uma prioridade premente. Hoje, nossa tarefa é mais importante que nunca, porque nada voltará a ser como antes. Mas devemos estar cientes de que esta crise nos oferece novas oportunidades, como a rápida digitalização da educação, da sociedade e dos sistemas produtivos, o que constitui uma janela de oportunidades para aumentar nossa participação numa economia global baseada no conhecimento.

A OEI e, em particular, o IIEyP, assumem a responsabilidade de incluir na agenda dos governos e no conjunto da sociedade o mandato que nos estimula a buscar o aumento da produtividade de nossa região num momento crítico e em constante transformação.

Mariano Jabonero
Secretário-Geral
da OEI

Enrique V. Iglesias
Enrique García
Copresidentes do CIPYC

EDUCAÇÃO SUPERIOR, COMPETITIVIDADE E PRODUTIVIDADE NA IBERO-AMÉRICA

GERMÁN RÍOS¹

Professor Associado e Diretor do Observatório para a América Latina do Instituto de Empresas (IE)



Imagem: Shutterstock

Diversos estudos e relatórios mostram que uma importante proporção das empresas ibero-americanas que operam no setor formal da economia enfrentam sérias dificuldades para contratar mão de obra qualificada de acordo com as necessidades produtivas das empresas (Bassi, Busso, Urzuay y Vargas, 2012; Basco, De Azevedo, Harraca y Kersner, 2020; Manpower, 2018 entre outros). Isto mostra a importância de dotar os trabalhadores não só com habilidades específicas e técnicas próprias de sua área de trabalho, mas também de habilidades transversais que lhes permitam uma melhor adaptação a um mercado de trabalho dinâmico, em constante transformação e cada vez com maior presença de novas tecnologias.²

¹ O autor deseja agradecer os valiosos comentários de Victoria Galán-Muros, Miguel Hahim e Karen Bocanegra.

² Para os fins deste artigo as habilidades transversais são aquelas caracterizadas por serem centrais e necessárias para o desenvolvimento das pessoas, que são reutilizáveis e não se limitam a um setor ou ocupação. Entre estas habilidades estão as digitais, cognitivas avançadas, relacionadas com a função executiva e socioemocionais. (Mateo Díaz, 2019).

Neste contexto, as universidades têm um papel fundamental, já que sua oferta de formação deve adequar-se às necessidades das empresas para agregar valor tanto aos estudantes como às próprias empresas. Em termos de políticas públicas, a coordenação entre governos, instituições acadêmicas e o setor privado é crucial para o alinhamento de objetivos e a elaboração, implementação e avaliação das políticas de educação superior nos países da Ibero-América.

A Ibero-América³ necessita fazer maiores esforços nas áreas de inovação, pesquisa e desenvolvimento para melhorar sua competitividade e aumentar sua produtividade. A região investe pouco no desenvolvimento de novas tecnologias e existem importantes problemas de coordenação entre as entidades públicas responsáveis pela ciência e pelo conhecimento, o setor acadêmico (principalmente as universidades) e as empresas. Neste sentido, é necessário um maior esforço de investimento em pesquisa e desenvolvimento, que deve ser acompanhado de um processo de fortalecimento do capital humano para complementar esse investimento. Para isso, é fundamental desenvolver maiores vínculos entre as instituições de ensino superior, o setor privado e os órgãos do Estado responsáveis pela pesquisa e desenvolvimento.

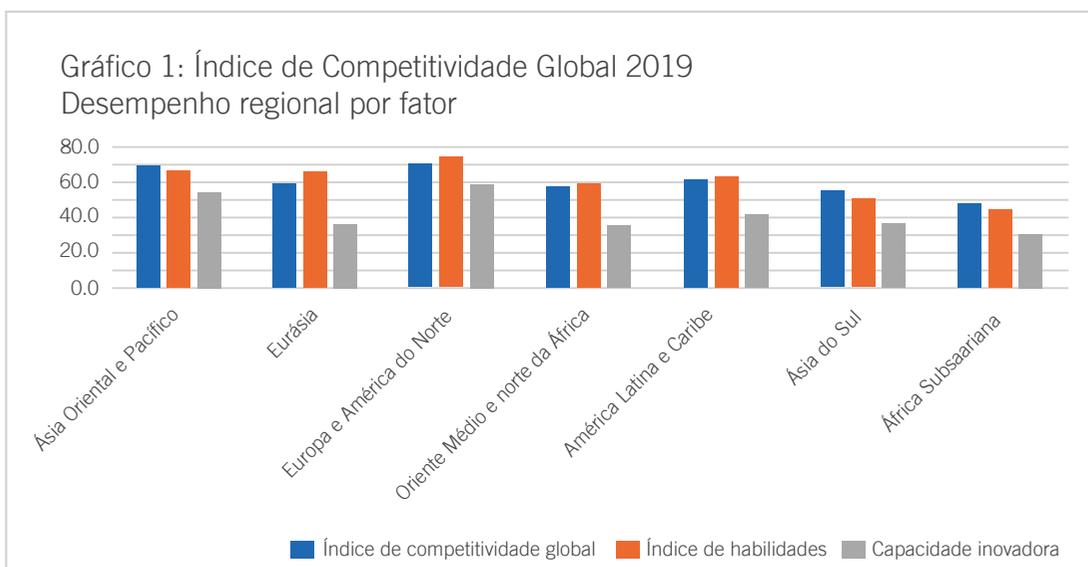
Este artigo tem como objetivo principal analisar a educação universitária ibero-americana e sua capacidade para formar pessoas produtivas e inovadoras, promovendo habilidades que permitam que os trabalhadores inovem no âmbito empresarial. Além disso, analisa a interação entre Universidades-Empresas-Estado e seu potencial para formar capital humano e realizar pesquisa e desenvolvimento que agregue valor às empresas ibero-americanas.

COMPETITIVIDADE E PRODUTIVIDADE NA AMÉRICA LATINA

De acordo com os resultados do relatório global de competitividade, publicado pelo Fórum Econômico Mundial(2019a), a América Latina e o Caribe estão atrasados em relação aos países da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e algumas regiões em vias de desenvolvimento como a Ásia Oriental e o Pacífico. De fato, o Chile é o país da região melhor situado no ranking, ocupando o 33º lugar entre 141 países, principalmente graças a sua estabilidade macroeconômica e sua abertura comercial, seguido por México (48), Uruguai (54), Colômbia (57) e Brasil (71). No Gráfico 1, podemos observar os resultados do relatório por região e por fatores. Embora a região em geral não esteja bem posicionada na maioria dos fatores, destacam sua baixa qualificação nas habilidades de seu capital humano e na capacidade inovadora das empresas, quando comparado com a Europa, América do Norte, Eurásia, Ásia Oriental e Pacífico.

Estes resultados estão diretamente relacionados com uma diminuição da produtividade na região nos últimos 50 anos. O relatório destaca que um dos principais fatores para o aumento da competitividade e produtividade é encontrar o equilíbrio entre adoção e desenvolvimento de tecnologia e investimento em capital humano. Devem ser levadas em conta tanto as políticas públicas para preparar os estudantes e trabalhadores para o uso das novas tecnologias, como para os efeitos negativos no curto prazo que elas poderão trazer. Isto implica aumentar a adaptabilidade da mão de obra e que o mercado de trabalho funcione eficientemente para facilitar a mobilidade setorial dos trabalhadores.

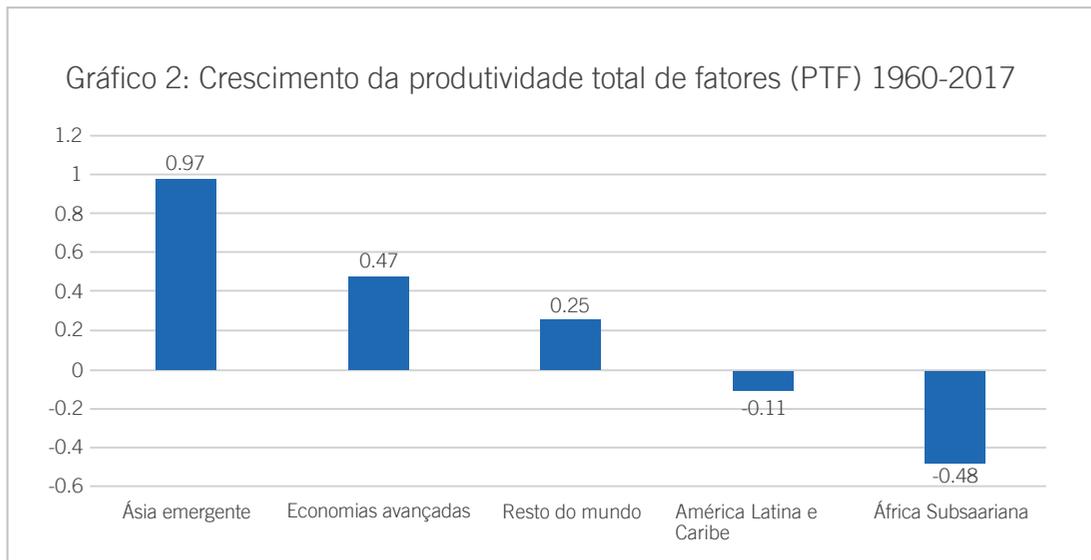
³ Neste artigo Ibero-América inclui os países da América Latina, Andorra, Espanha e Portugal.



A globalização gerou um aumento da desigualdade no trabalho, na medida em que aumentou a desigualdade salarial entre indivíduos com habilidades em setores de alta produtividade versus aqueles que estão em setores de baixa produtividade.

No que diz respeito às medições de produtividade, utilizando a medida mais comumente usada, a Produtividade Total de Fatores (PTF), a América Latina e o Caribe mostraram um desempenho negativo. O Gráfico 2 apresenta uma comparação internacional do crescimento da PTF para o período de 1960-2017, e constata-se que foi negativa para a região, e unicamente registrou um desempenho pior a região da África subsaariana. Isto se deve às baixas taxas de investimento e ao uso ineficiente tanto do capital, como da mão de obra, que são características comuns à maioria dos países da América Latina.

Segundo o Relatório de Economia e Desenvolvimento (2018) do Banco de Desenvolvimento da América Latina (CAF), a produtividade é baixa em todos os setores das economias dos países latino-americanos, e não é porque os recursos para a produção estão concentrados em setores ineficientes. A causa do problema, segundo o CAF, está na fragilidade institucional do ambiente produtivo no qual as empresas se desenvolvem. Em particular, existem importantes problemas em políticas de competência, acesso aos fatores de produção e colaboração interempresarial, mercados de trabalho e o acesso ao financiamento. Em termos de trabalho, o relatório identifica que um dos problemas da baixa produtividade na região é a alta informalidade no mercado de trabalho, que em muitos países é de cerca de 50% dos empregados. Isto significa que, se através de políticas públicas, fosse possível transferir o emprego informal para o setor formal, obteríamos ganhos importantes de produtividade agregada.



Fonte: BID

OS TRABALHOS DO FUTURO E A DEMANDA DAS EMPRESAS

Além dos problemas de competitividade e produtividade que apresenta a Ibero-América, precisamos considerar que o mercado de trabalho mundial está em constante transformação devido a várias megatendências. Em linhas gerais, estudos recentes (Amaral, Eng, Ospino, Pagés, Rucci, y Williams, 2018; OCDE, 2019a; Mateo Díaz, 2019; The Economist Intelligence Unit, 2020), coincidem em identificar os seguintes desafios:

- novas tecnologias (digitalização, avanço da inteligência artificial e automação);
- o envelhecimento da população;
- a mudança climática,
- os fluxos migratórios,
- E mais recentemente, as sequelas da crise do COVID-19.

Estas tendências têm um impacto direto nas competências necessárias que demandam as empresas e que contribuem para o aumento de sua produtividade.

Para enfrentar estes desafios, a incorporação de habilidades consoantes com o novo ambiente de trabalho deve ocorrer em todas as etapas da educação, incluindo a formação profissional, assim como o treinamento no próprio trabalho. Existem diversos enfoques sobre como fazê-lo, e vários estudos priorizam diferentes etapas da vida educacional e profissional. Por exemplo, diversos especialistas afirmam que as melhores etapas para começar a trabalhar as habilidades transversais são o ensino fundamental e médio. Outros afirmam que dotar as pessoas com competências de alto nível exige priorizar a ampliação do acesso à educação superior (OCDE, 2019a). Este último está relacionado com o fato de que as pessoas costumam decidir continuar com a educação universitária para aumentar suas opções de trabalho e ter maior renda.

Daí a necessidade de revisar constantemente o conteúdo dos currículos universitários existentes, e adaptá-los a uma realidade que muda a uma velocidade vertiginosa, a fim de dotar os egressos com as habilidades adequadas para que sejam bem-sucedidos quando se formarem. O Fórum Econômico Mundial (2019) destaca que este processo de ajuste contínuo dos currículos permite que os estudantes possam informar aos seus potenciais empregadores sobre a relevância da educação que receberam. No entanto, este deveria ser um processo bidirecional, já que as empresas também poderiam informar às universidades sobre as demandas do mercado de trabalho, facilitando uma retroalimentação e contribuindo para a atualização constante dos currículos. Esta dinâmica também exige que as instituições de ensino superior formem e adaptem continuamente seus professores e adotem novos métodos de ensino.

Entretanto, o que mostra a evidência empírica é que existem importantes brechas entre a demanda de habilidades por parte das empresas e a oferta educacional das universidades. Segundo a pesquisa

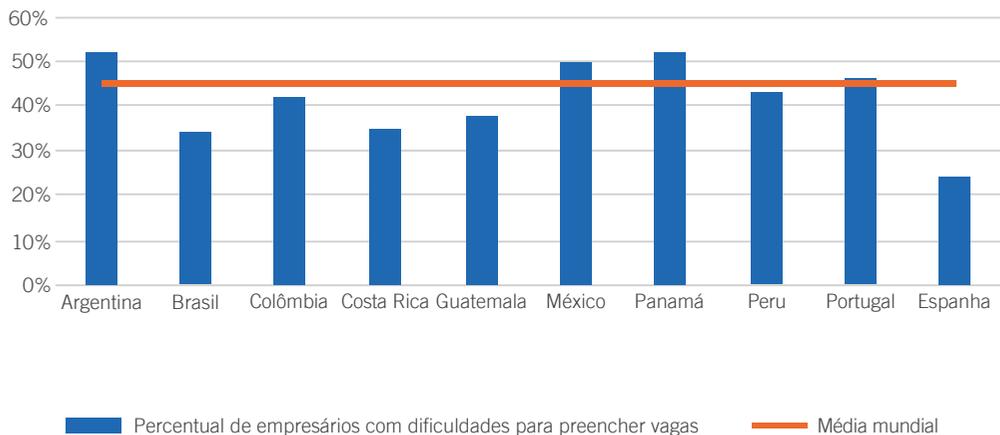
sobre escassez de talento, publicada em 2018 pela Manpower, a terceira empresa do mundo em recrutamento de pessoal, na qual foram ouvidos empresários de 43 países, 45% dos consultados afirmam não conseguir encontrar pessoas para contratar com as habilidades que necessitam suas empresas. Duas das razões mais importantes são a falta de habilidades técnicas (19%) e interpessoais (8%) necessárias dos candidatos.

Embora este relatório não apresente dados para todos os países da Ibero-América, a amostra inclui 10 nações da região. Cabe destacar que na Argentina, México e Portugal há maiores dificuldades para preencher as vagas, enquanto os sete países restantes estão abaixo da média global. O gráfico 3 mostra estas informações para os países ibero-americanos incluídos no estudo da Manpower.

Em média, as maiores dificuldades que enfrentam os empresários dos países da Ibero-América incluídos no estudo são a falta de experiência e a falta das habilidades técnicas requeridas pelas empresas, conforme se observa na Tabela 1. O estudo da Manpower também indica que 56% dos empresários dos 43 países incluídos na amostra, afirmam que as habilidades de comunicação, oral e escrita, são as competências humanas mais valorizadas, seguidas da colaboração e resolução de problemas.

No caso da América Latina, os resultados do estudo do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), América Latina em Movimento: Competências e Habilidades na Quarta Revolução Industrial (2020) mostraram que cerca de 3 de cada 10 empresas afirmam que seu pessoal atual não possui as habilidades técnicas (*hard skills*) e comportamentais (*soft skills*)¹ necessárias e 6 de cada 10 pensam que a demanda de habilidades de todas as categorias aumentará nos próximos cinco anos. Em termos gerais, espera-se que a demanda de habilidades comportamentais (*soft*) cresça mais que as técnicas (*hard*) nos próximos anos.

Gráfico 3. Dificuldades para preencher vagas nos países selecionados da Ibero-América



Fonte: Manpower. Estudio de escasez de talento, 2018

Tabela 1. Principais causas da Escassez de Talento

CAUSA DA ESCASSEZ DE TALENTO	MÉDIA MUNDIAL	MÉDIA DOS PAÍSES DA REGIÃO
Falta de candidatos	29%	17%
Falta de experiência	20%	25%
Não têm as habilidades técnicas necessárias	19%	24%
Não têm as competências humanas necessárias	8%	8%
Esperam uma remuneração maior do que a oferecida	12%	12%
Esperam benefícios melhores do que os oferecidos	2%	5%
Requerimentos específicos da minha organização	4%	2%
Outros, Não sabe/Não respondeu	6%	7%

Fonte: Elaboração própria com base nos dados da ManpowerGroup (2018). Estudo sobre a escassez de talento. A média foi obtida com base nos dados da Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Guatemala, México, Panamá, Peru, Portugal e Espanha.

⁴ A classificação das habilidades em comportamentais (*soft*) e técnicas (*hard*) deste estudo está baseada no *O*NET Content Model*. As habilidades comportamentais incluem: capacidades cognitivas, habilidades de conteúdos, sociais, sistemáticas, de processos e de resolução de problemas complexos. As habilidades técnicas incluem: as habilidades STEM (sigla em inglês para Ciências, Tecnologia, Engenharia e Matemática), habilidades técnicas e as de gestão de recursos.

do Caribe é que existem poucas evidências científicas sobre como está mudando a demanda de habilidades na região. A maioria dos estudos a respeito é global e não existem dados específicos para a Ibero-América, sendo complicado ter uma visão global e consistente sobre a realidade da região.

Apesar do crescimento da cobertura do ensino superior na região, diversos indicadores, como as baixas taxas de graduação, a diminuição dos rendimentos ao investimento, e a brecha de habilidades, são apresentados como sintomas de problemas de eficiência, qualidade e relevância do sistema (Fiszbein, Cosentino e Cumsille, 2016). Por exemplo, o conceito de pertinência é recorrente nos estudos dos organismos multilaterais para referir-se à adequação dos programas educacionais às necessidades e demandas do mercado de trabalho. Atualmente, a evidência indica que a maior parte das universidades na Ibero-América mantém uma abordagem de ensino tradicional e que as habilidades transversais não estão, em geral, incorporadas nas grades curriculares. (Aedo y Walker, 2012).

É natural pensar quais deveriam ser as alternativas para que os sistemas de ensino superior da região se adaptassem à mudança contínua e acelerada da demanda de habilidades. A resposta poderia ser interpretada sob diferentes ângulos, mas todos concordam que uma mudança na orientação dos currículos baseados em conteúdos para currículos baseados em competências é necessária para melhorar a relevância e qualidade da educação (Fiszbein et al., 2016, World Economic Forum, 2019b). Entre as iniciativas neste âmbito destaca-se o Projeto Tunning – América Latina e o programa “Estratégia de Competências” da OCDE. Com relação a este último, os países ibero-americanos que participam na construção de estratégias nacionais de competências são a Espanha, o México e o Peru. Contudo, a adoção de medidas neste sentido foi li-

mitada, já que os países que participaram ainda não conseguiram articular uma iniciativa que englobe todo o espectro de universidades nacionais.

Por outro lado, não basta incorporar habilidades no sistema de ensino, também é necessário contar com mecanismos para identificar as competências que estão sendo demandadas, e definir estratégias para a incorporação das mesmas nos currículos. Embora o setor empresarial esteja consciente de suas necessidades, as universidades não estão se adaptando com a mesma rapidez a estas mudanças. No entanto, as instituições de ensino superior começam a realizar esforços nesta direção. Por exemplo, uma iniciativa interessante foi o projeto ESSISAL: Ensino de Soft Skills em Engenharia de Software na América Latina, uma iniciativa da Universidade ORT (Uruguai) sobre a introdução de habilidades transversais em engenharia. O objetivo é coletar informações sobre o estado do ensino destas competências nos cursos de engenharia e desenvolvimento de software nas instituições de ensino superior da região. (Maturro, Raschetti y Fontán, 2019).

Uma análise preliminar dos currículos das universidades ibero-americanas mostra que começam a ser oferecidos workshops e atividades extracurriculares sobre habilidades transversais, mas muitas vezes não estão diretamente ligadas às grades curriculares. Por outro lado, também estão surgindo algumas iniciativas mais estruturadas neste sentido, que podem ser agrupadas em:

- A. Inserção de habilidades transversais no modelo educacional da universidade (como componente obrigatório em todos os cursos em todas as áreas de estudo).
- B. Inserção de habilidades transversais dentro da grade de alguns cursos (obrigatórias e/ou optativas).

C. Oferta de cursos adicionais de habilidades transversais abertos a estudantes e ao público em geral.

Dados iniciais também mostram que o interesse em introduzir habilidades transversais nos currículos foi maior entre as universidades privadas do que entre as públicas. No entanto, também existem algumas instituições públicas de ensino superior que começam a introduzir o tema como, por exemplo, a Universidade de San Marco (Peru) através da implantação do Modelo Educacional San Marcos, lançado em 2018, e que incorpora competências transversais em seus currículos.

Por último, vários estudos coincidem em afirmar que, além de analisar a qualidade dos programas de introdução de habilidades transversais e implementar mudanças, também devem ser medidos os resultados das novas estratégias propostas para adaptar-se e propor ajustes de forma rápida. (Aedo y Walker, 2012; Fiszbein et al., 2016). Neste sentido, existem universidades públicas que avançam nesta direção como, por exemplo, a Universidade de Aveiro em Portugal.

HABILIDADES PARA O FUTURO

É fundamental que as universidades melhorem as habilidades dos estudantes para adaptá-las ao mercado de trabalho, e assim criar capacidades que aumentem a produtividade das pessoas tendo em vista a tecnologia, equipamentos e máquinas existentes. Como estes últimos mudam rapidamente, as formações acadêmicas devem adaptar-se continuamente. Além das competências técnicas relacionadas com a área de especialização própria de cada curso, as habilidades requeridas pelas empresas são transversais, já que num contexto incerto as pessoas têm que estar preparadas para adaptar-se e saber utilizar tecnologias digitais.

O impacto do COVID-19 é um claro exemplo de um fenômeno que exigirá a reinvenção de muitos trabalhadores, e aqueles que tiverem maiores capacidades para migrar dos setores mais afetados negativamente pela pandemia para novas atividades, poderão fazer a transição mais efetivamente no mercado de trabalho. Esta situação revela uma das vantagens de possuir habilidades transversais, já que são reutilizáveis e não estão limitadas a uma profissão em particular. Por exemplo, uma das consequências da pandemia foi o aumento do trabalho remoto (home office) e da educação on-line, as pessoas que melhor dominam as tecnologias necessárias para se desenvolver com soltura nestas formas de trabalhar e de ensinar, terão mais possibilidades de sucesso e de reinserção no mercado de trabalho. Isto demonstra que aprender a aprender também é crucial em ambientes em constante mudança. (OCDE, 2019a).

Com relação às habilidades transversais mais buscadas pelos empregadores em todo o mundo, se comparamos diferentes estudos, concluímos que as mais importantes são as seguintes: criatividade, inteligência emocional e liderança. (LinkedIn, 2020; Udemy, 2019; World Economic Forum, 2018). A Tabela 2 apresenta uma lista completa destas habilidades.

No que diz respeito a competências mais específicas, um estudo conjunto realizado pelo BID e a plataforma de emprego LinkedIn em 2018, com dados anônimos de indivíduos da Argentina, Austrália, Brasil, Chile, França, Índia, México, África do Sul, Reino Unido e Estados Unidos, constatou que ocorreram mudanças importantes nas demandas de habilidades devido à evolução das ocupações. Por exemplo, aumentaram as necessidades de capacidades digitais avançadas e conhecimentos de marketing, publicidade e desenho

gráfico, e diminuíram as solicitações de competências administrativas e gerenciais.

Devido às mudanças constantes das ocupações, é fundamental identificar quais são as tendências futuras, e que habilidades se acredita que serão demandadas nos próximos anos. Isto permite que tanto os indivíduos, como as instituições de ensino, especialmente as universidades, se antecipem para poder se adaptar às mudanças. O Fórum Econômico Mundial, em sua publicação *Future of Jobs* (2018) oferece uma visão geral das tendências esperadas. Por exemplo, em seu último relatório de 2018 destaca que em 2022, além do domínio de novas tecnologias, as competências “humanas” serão mais importantes. Estas são: criatividade, originalidade, iniciativa, pensamento crítico, persuasão e negociação. Por outro lado, espera-se que as habilidades cuja deman-

Tabela 2 Habilidades transversais mais demandadas

LINKEDIN	UDEMY	WORLD ECONOMIC FORUM
Criatividade Persuasão Colaboração Adaptabilidade Inteligência emocional	Mentalidade de crescimento Criatividade Domínio da abordagem Inovação Habilidades de comunicação Narração (<i>storytelling</i>) Consciência cultural Pensamento crítico Liderança Inteligência emocional	Pensamento analítico Resolução de problemas complexos Pensamento e análise crítica Criatividade, originalidade e iniciativa Atenção ao detalhe Inteligência emocional Raciocínio e resolução de problemas Liderança e influência social Coordenação e gestão do tempo
Fonte: LinkedIn (2020), Udemy (2019) e Fórum Econômico Mundial (2018)		

da diminuirá sejam as relacionadas com as destrezas manuais, memória, habilidades verbais, auditivas e espaciais, gestão de recursos financeiros e materiais.

Numa perspectiva mais ampla, um estudo realizado pela McKinsey's, Bughin et al., (2018) indica que a automatização e a inteligência artificial serão os principais fatores para a mudança na demanda de habilidades na Europa Ocidental e nos Estados Unidos em 2030. Espera-se que o maior crescimento ocorra na demanda de competências tecnológicas, sociais e emocionais. No caso da América Latina, uma experiência interessante foi a iniciativa do Conselho de Competências Mineiras do Chile, que elaborou um modelo de habilidades transversais para a indústria da mineração 4.0, contando com a participação das empresas do setor. Apesar de ser um setor muito específico, e tendo em conta a importância das indústrias extrativas na América Latina, é interessante destacar as principais habilidades transversais identificadas pelo modelo: raciocínio lógico-matemático, criatividade e inovação, pensamento crítico, análise de dados, bom senso e tomada de decisões, e conhecimentos sobre a mudança climática.

Em relação às competências digitais, vários estudos coincidem em afirmar que estas registrarão um aumento em sua demanda nos próximos anos (Amaral et al, 2018; Bughin et al., 2018). Embora as perspectivas de crescimento deste tipo de habilidades sejam vistas de formas diferentes, prevê-se um aumento na demanda de conhecimentos tecnológicos avançados, como web design ou desenvolvimento de software. Tendo em vista que um dos grandes desafios que enfrenta o mercado de trabalho é a digitalização, o papel da educação é fundamental neste contexto de transformação digital.

Em particular, a OCDE (2019b) destaca o papel do ensino superior para diminuir a brecha digital e melhorar as habilidades digitais com o consequente impacto na produtividade. No âmbito do ensino superior, as habilidades digitais estão relacionadas com a aquisição de conhecimentos mais complexos, como por exemplo, compras on-line, computação na nuvem e a busca de emprego. Por conseguinte, para fortalecer o uso eficaz das tecnologias digitais, reduzir as brechas em seu uso e melhorar as competências costumam ser necessárias competências adicionais em tecnologias complementares.

A COLABORAÇÃO PÚBLICA, PRIVADA E ACADÊMICA

A brecha entre a oferta e a demanda de habilidades requer maior coordenação entre as universidades e as empresas, mas o setor público também tem um papel fundamental já que pode proporcionar incentivos, informações e recursos para facilitar esta coordenação. O conceito da Hélice Tríplice que surgiu na década de noventa, parte do princípio de que a cooperação entre universidade, empresa e governo é fundamental para a geração de conhecimentos e um componente essencial das estratégias de



Fotografia: Fauxels - Pexels

inovação em economias baseadas no conhecimento, com seu consequente efeito no desenvolvimento econômico. (Etzkowitz e Leydesdorff, 1995, 2000).

Num relatório elaborado para a Comissão Europeia, foram identificados oito tipos de interação entre empresa e universidade: colaboração em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D), mobilidade de professores e estudantes, comercialização de resultados de P&D, desenvolvimento de currículos, aprendizagem contínua, empreendimento e governança (David, Baaken, Galán e Meerman, 2011). Em geral, embora qualquer interação deste tipo possa ter efeitos positivos, é evidente que as políticas públicas deveriam adotar iniciativas que privilegiem a interação das três hélices para que os efeitos positivos desta vinculação possam se propagar de forma transversal nos diferentes setores.

Como podem atuar cada uma destas esferas num contexto onde as habilidades demandadas pelas empresas não estão conformes com o que oferecem as universidades? É óbvio que as universidades devem ter currículos adaptados às exigências do mercado, da mesma forma, o feedback empresa-universidade é fundamental. Em seu estudo sobre as brechas de

competências na Bolívia, Bagolle, Valencia e Urquidi (2019) afirmam que as empresas desempenham um papel crucial ao identificar suas necessidades e colaborar com as universidades no estabelecimento de programas de formação pertinentes. Por outro lado, o Estado é fundamental para garantir a qualidade do sistema de educação sob diferentes pontos de vista. Seu papel na criação de marcos de qualificação, avaliação, credenciamento das universidades, entre outros, é fundamental. Por outro lado, também é crucial seu apoio com mecanismos para estimular empresas e trabalhadores a destinarem mais recursos ao desenvolvimento de habilidades.

ALGUMAS RECOMENDAÇÕES

A Ibero-América deve melhorar sua competitividade e aumentar sua produtividade num contexto complexo e em constante mudança. Um ingrediente básico para isto é melhorar seu capital humano e adequá-lo às demandas do mercado de trabalho. Existe uma importante brecha entre as habilidades requeridas pelas empresas e a oferta das universidades. Os graduados

dos cursos de nível superior devem ser formados com amplas competências, adaptabilidade e flexibilidade, que vão além dos conhecimentos técnicos que oferecem seus cursos específicos. Este tipo de formação os torna mais propensos a empreender e inovar, tanto por conta própria, como nas empresas que os contratam. Isto é fundamental para a geração de conhecimentos e a adoção de tecnologias. No caso da região, embora os indicadores de ensino superior mostrem uma evolução positiva, deve-se ter em conta a pertinência dos currículos e a capacidade das universidades para responder aos desafios da formação nas competências requeridas pelo mercado de trabalho.

Considerando-se a natureza da mudança tecnológica e a velocidade de transformação das empresas, estes processos devem ser contínuos e devem ser estabelecidos mecanismos para uma melhor coordenação entre as universidades, empresas e governos. Neste sentido, a colaboração consiste em fornecer informações relevantes e desenvolver incentivos para melhorar o alinhamento das habilidades, e servir de insumo para as estratégias das universidades e do setor privado, e também das políticas públicas de ensino superior. As instituições de ensino superior devem fornecer informações relevantes e atualizadas sobre diplomas e cursos, para apoiar os estudantes na tomada de decisões complexas como a escolha de um curso universitário. Por outro lado, as empresas devem trabalhar junto com as universidades, informando os perfis que precisam e as mudanças nas habilidades requeridas.

É necessário fomentar a inovação para poder desenvolver produtos e serviços de alto valor agregado e passar para setores com maior sofisticação produtiva. A Ibero-América, portanto, deve aumentar o nível e a eficiência de seu gasto em pesquisa e desenvolvimento, seja privado, público ou acadêmico. Uma política pública relevante é a introdução nos sistemas de educação

da região de elementos sobre cultura empreendedora, especialmente no ensino superior, o que forneceria conhecimento e ferramentas aos jovens que decidam montar seu próprio negócio ou trabalhar em empresas do setor formal, levando com eles habilidades em processos de inovação e melhorias da produtividade.

E o setor público deve facilitar o processo utilizando ferramentas que incentivem um melhor alinhamento entre a oferta e a demanda de competências. Os programas de credenciamento são importantes, assim como o uso dos subsídios públicos para melhorar os resultados e a qualidade das instituições de ensino superior. Isto pode ser feito, por exemplo, utilizando ferramentas como acordos por desempenho ou fundos de subsídios. Estas políticas bem implementadas permitem criar incentivos para melhorar a qualidade e a pertinência da formação de nível superior. Um bem público importante é a informação sobre empregabilidade, salários e oportunidades de trabalho. Isto abre possibilidades de colaboração público-privada e orienta tanto as universidades como os estudantes sobre as tendências do mercado de trabalho.

Outra tarefa fundamental do setor público é garantir a qualidade do ensino que é oferecido, e que os perfis dos egressos se ajustem às demandas da sociedade e do mercado. Por exemplo, podemos pensar em avaliações dos egressos para medir os resultados da aprendizagem, e oferecer incentivos para a criação de cursos técnicos e tecnológicos que atendam as demandas específicas do setor privado. Por último, não devemos esquecer que os indivíduos que têm acesso às universidades passaram previamente por outros níveis de educação, e a política pública deve tentar melhorar também o ensino fundamental e médio, para que os estudantes de nível superior estejam melhor preparados para os desafios do mercado de trabalho do século vinte e um.

REFERÊNCIAS

Aedo, C., y Walker, I. (2012). *Skills for the 21st Century in Latin America and the Caribbean*. Washington DC, World Bank. Recuperado de <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/2236>

Álvarez, F., Eslava, M., Sanguinetti, P., Toledo, M., Alves, G., Daude, C., & Allub, L. (2018). *RED 2018. Instituciones para la productividad: hacia un mejor entorno empresarial (report)*. Caracas: CAF. Recuperado de <http://scioteca.caf.com/handle/123456789/1343>

Amaral, N., Eng, N., Ospino, C., Pagés, C., Rucci, G., y Williams, N. (2018). *¿Hasta dónde pueden llevarte tus habilidades? Cómo utilizar los datos masivos para entender los cambios en el mercado de trabalho*. Nota técnica N° IDB-TN-1501. Washington DC, Banco Interamericano de Desarrollo- División de Mercados Laborales. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.18235/0001291>

Bagolle, A., Valencia, H., y Urquidi, M. (2019) *Brecha de habilidades en Bolivia. Un freno a la empleabilidad de las personas y a la productividad de las empresas*. Nota técnica N° IDB-TN-1624. Washington DC, Banco Interamericano de Desarrollo- División de Mercados Laborales. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.18235/0001568>

Basco, A., De Azevedo, B., Harraca, M. y Kersner, S. (2020). *América Latina en movimiento: competencias y habilidades en la Cuarta Revolución Industrial*. Nota técnica (1844). Banco Interamericano de Desarrollo e Instituto para la Integración de América Latina y el Caribe. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.18235/0002132>

Bassi, M., Busso, M., Urzua, S., y Vargas, J. (2012). *Desconectados: Habilidades, educación y empleo en América Latina*. Washington DC, Banco Interamericano de Desarrollo. Recuperado de <https://publications.iadb.org/publications/spanish/document/Desconectados-Habilidades-educaci%C3%B3n-y-empleo-en-Am%C3%A9rica-Latina.pdf>

Bughin, J., Hazan, E., Lund, S., Dahlström, P., Wiesinger, A. y Subramaniam, A. (2018). "Skill Shift: Automation and the Future of the Workforce." Discussion Paper. <https://www.mckinsey.com/featuredinsights/future-of-organizations-and-work/skill-shift-automation-and-the-future-of-the-workforce>

Busso, M., Cristia, J. Hincapié, D., Messina, J., y Ripani, L. (2017). *Aprender mejor: políticas públicas para el desarrollo de habilidades*. Washington DC, Banco Interamericano de Desarrollo. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.18235/0000799>

Davey, T., Baaken, T., Galán, V. y Meerman, A. (2011). *The State of European University-Business Cooperation Final Report - Study on the cooperation between Higher Education Institutions and public and private organisations in Europe*. Bruselas, DG EAC, Comisión Europea. Recuperado de https://www.ub-cooperation.eu/pdf/final_report.pdf

Etzkowitz, H. e Leydesdorff, L. (1995). The Triple Helix -- University-Industry-Government Relations: A Laboratory for Knowledge Based Economic Development. *EASST Review*, 14(1), 14-19. Recuperado de <https://ssrn.com/abstract=2480085>

Etzkowitz, H. e Leydesdorff, L. (2000). The Dynamics of Innovation: From National Systems and 'Mode 2' to a Triple Helix of University-Industry-Government Relations. *Research Policy*, 29(2), 109-123. Recuperado de <http://www.oni.uerj.br/media/download-s/1-s2.0-S0048733399000554-main.pdf>

Ferreira, M., Avitabile, C., Botero Álvarez, J., Haimovich Paz, F. e Urzúa, S. (2017). *At a Crossroads Higher Education in Latin America and the Caribbean*. Washington, DC: Banco Mundial. Recuperado de <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/26489>

LinkedIn. (2020). The Skills Companies Need Most in 2020—And How to Learn Them. *The Learning Blog*. Recuperado de <https://learning.linkedin.com/blog/top-skills/the-skills-companies-need-most-in-2020and-how-to-learn-them>

Manpower Group. (2018). *Estudio sobre escasez de talento 2018*. Recuperado de <http://www.manpowergroup.es/Estudio-ManpowerGroup-sobre-Escasez-de-Talento-2018-Solucionar-la-Escasez-de-Talento-Crear-Atraer-Compartir-y-Transformar>

Matturro, G., Raschetti, F., e Fontán, C. (2019). A Systematic Mapping Study on Soft Skills in Software Engineering. *J. UCS*, 25, 16-41. Recuperado de <http://www.jucs.org/doi?doi=10.3217/ucs-025-01-0016>

OCDE (2019a), *Estrategia de Competencias de la OCDE 2019: Competencias para construir un futuro mejor*. OECD Publishing, Paris/Fundación Santillana, Madrid. Recuperado de <https://doi.org/10.1787/e3527cfb-es>

OCDE. (2019b). *Perfilando la transformación digital en América Latina: mayor productividad para una vida mejor*. OECD Publishing, Paris, Recuperado de <https://doi.org/10.1787/8bb3c9f1-en>

OEI. (2019). *Diagnóstico de la Educación Superior en Ibero-América 2019*. Recuperado de <https://www.oei.es/uploads/files/news/Science-Science-and-University/1603/informediagnostico2019.pdf>

Red Índices (2019) *Panorama de la educación superior en Ibero-América a través de los indicadores de la Red Índices*. Recuperado de <http://www.redindices.org/attachments/article/85/Panorama%20de%20la%20educaci%C3%B3n%20superior%20iberoamericana%202019.pdf>

The Economist Intelligence Unit. (2020). *New schools of thought. Innovative models for delivering higher education*. London, The Economist Intelligence Unit.

Udemy. (2019). Workplace Learning Trends Report: The Skills of the Future. Recuperado de <https://business.udemy.com/resources/5-workplace-learning-trends-2020/>

World Economic Forum. (2018). *The Future of Jobs Report 2018*. Geneva, WEF. Recuperado de http://www3.weforum.org/docs/WEF_Future_of_Jobs_2018.pdf

World Economic Forum. (2019a). *Global Competitiveness Report 2019*. Geneva, WEF. Recuperado de <https://es.weforum.org/reports/global-competitiveness-report-2019>

World Economic Forum. (2019b). *Strategies for the New Economy Skills as the Currency of the Labour Market*. Recuperado de http://www3.weforum.org/docs/WEF_2019_Strategies_for_the_New_Economy_Skills.pdf

UM INESPERADO CENÁRIO ECONÔMICO PARA 2020

MIGUEL HAKIM
Director del CIPYC



Fotografia: Shutterstock

Atualmente, praticamente todos os macroeconomistas dedicados a realizar prognósticos nos organismos internacionais, instituições financeiras, agências de rating, ou nos escritórios de consultoria têm “inveja” dos meteorologistas que fazem previsões relativas às mudanças de muito curto prazo na atmosfera.

Há aproximadamente cinquenta anos, os cientistas do tempo melhoraram significativamente suas ferramentas de trabalho, e contam com melhores métodos e computadores para realizar seus cálculos numéricos. Isso fez com que suas

previsões do tempo, especialmente, as relativas à temperatura, umidade e vento, melhorassem e sejam bastante certas. Isto significa que suas previsões do tempo para as próximas 26 horas passaram de ter uma precisão de 24% em 1955 a uma percentual superior a 80% atualmente.

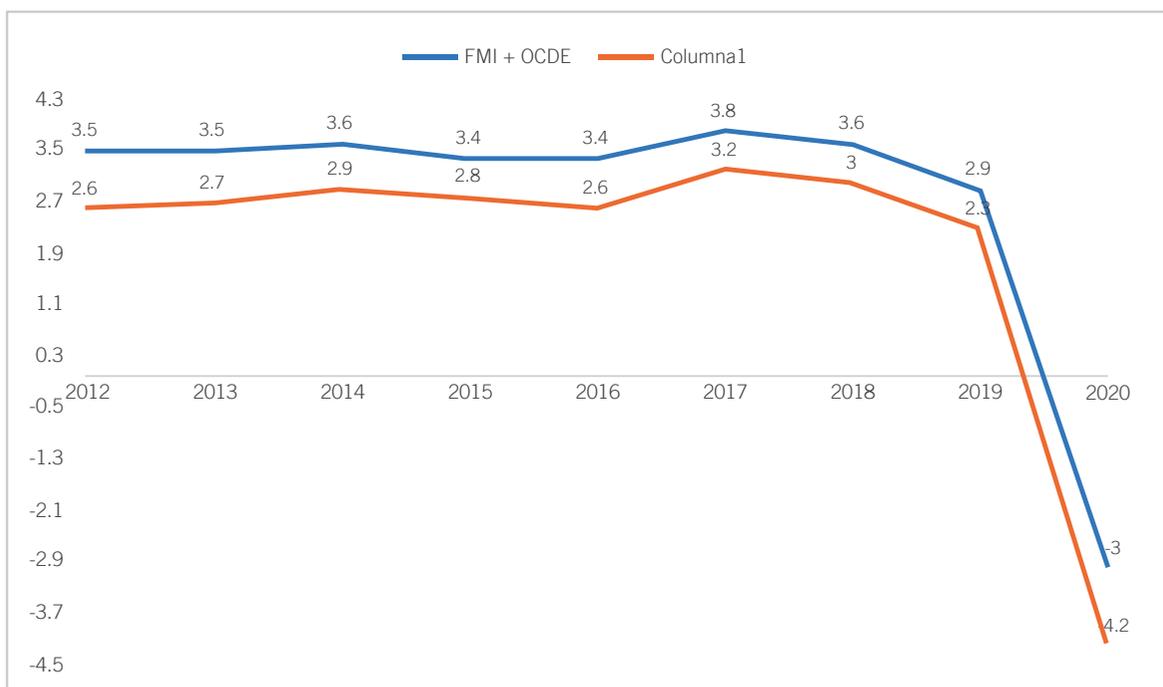
Os profissionais da economia fazem estimativas da dinâmica na atividade econômica, através das mudanças no Produto Interno Bruto (PIB) num período que vai de um trimestre a dois anos. Embora não existam dados sobre a eficácia dos seus prognósticos, é muito provável que sua precisão não chegue aos mesmos níveis que a dos meteorologistas

No início de 2020, o Fundo Monetário Internacional (FMI), o Banco Mundial (BM), a Organização das

Nações Unidas (ONU), e a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômicos (OCDE) divulgaram suas estimativas para as mudanças no PIB correspondentes a este ano. Todos eles previam uma desaceleração econômica global que mostrava mudanças positivas no PIB que estava entre 2,5% e 3,4%, dependendo de se a agregação de países era feita utilizando as taxas de câmbio (ONU e BM) ou a paridade no poder aquisitivo das moedas (FMI e OCDE).

Na reunião anual do Fórum Econômico Mundial, realizada em Davos, no final de janeiro de 2020, o FMI divulgou o crescimento obtido em 2019 (2,9%) e reduziu seu prognóstico para 2020 deixando-o em 3,3%. Naquele momento, os dados de mais de 160 países mostravam números positivos para suas mudanças na atividade econômica. Três meses depois, na reunião virtual de primavera em Washington D.C., a diretora-gerente do FMI anunciava que o mundo ia enfrentar a pior recessão desde a Grande Depressão de 1929. No melhor dos casos projetava uma diminuição de 3% do PIB para 2020, combinado com um crescimento de 5,8% em 2021. O panorama mostrava agora que mais de 170 países teriam uma diminuição em sua renda por habitante.

Gráfico 1 Crescimento Percentual do PIB Mundial



Fonte: Elaboração própria com dados do FMI + OCDE + ONU + BM. Os dados de 2020 são estimativas

Como é possível que em menos de três meses uma previsão passe de 3,3% a (-) 3,0%? A resposta é a propagação do vírus SARS-Cov2 que causa a doença denominada COVID-19 e que praticamente ninguém previu nem tomou a sério até a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarar oficialmente como pandemia em 11 de março de 2020. No momento em que a cooperação internacional é mais necessária para poder responder adequadamente a esta crise, mais se lamenta a falta de decisões consensuais decorrentes da última reunião virtual extraordinária do G20 realizada no final do mês de março de 2020. Hoje sentimos falta das medidas que este mesmo fórum tomou de forma decidida e coordenada em 2008 como resposta à Grande Recessão. Tudo isso, combinado com a incerteza sobre a duração da crise sanitária, faz com que desconheçamos se o impacto econômico global nos próximos trimestres terá uma forma de V, U, W ou L.

É interessante ler que o FMI aceitou discutir sobre um cenário com pandemia, mas em nenhum deles conseguiu encontrar um verdadeiro sentido sobre como se poderia aterrisar e que impacto teria na economia. Esta situação inédita foi declarada oficialmente como o Grande Confinamento, com impactos maiores do que a Grande Recessão de 2009 e superada apenas pela Grande Depressão de 1929. Os economistas independentes justificam-se argumentando que este tipo de acontecimentos não são previsíveis, já que são provocados por forças que estão fora de seu controle.

Neste contexto, alguns governos agiram com a devida rapidez na contenção e mitigação, tomando as medidas adequadas do ponto de vista sanitário e implementando pacotes econômicos de ajuda e proteção às empresas e trabalhadores que no melhor dos casos representaram 30% do PIB. As autoridades de outros países foram mais lentas para reagir e não puderam ou não quiseram destinar os recursos monetários necessários para esta emergência, o que

custará caro no médio prazo, tanto em termos de número de falecidos como de profundidade da recessão econômica.

O Banco Mundial, em seu relatório “A economia nos tempos do COVID-19”, considera acertadamente que diante desta inesperada situação as perdas devem ser assumidas e centralizadas pelos governos. “Diante de um choque que não pode ser segurado como a epidemia do COVID-19, só os governos podem agir como seguradores de última instância”. Isto colocou novamente em evidência a necessidade de ter um “estado” forte para responder aos problemas da sociedade, deixando o “mercado” numa posição menos relevante no curto prazo.

Por primeira vez na história do FMI, seus prognósticos foram realizados por economistas junto com epidemiologistas. Seu cenário de base apresenta uma diminuição de 3% para este ano, supondo que a pandemia tenha seu principal impacto no segundo trimestre e enfraqueça significativamente na segunda metade do ano. Ao decompor (-) 3%, observa-se que as 39 economias avançadas, entre as quais se destacam os Estados Unidos, a zona Euro e o Japão, sofrerão o maior impacto com uma diminuição de 6,1% em seu PIB em 2020. As economias emergentes e em desenvolvimento (155) terão uma contração econômica de 1,0%. É neste último grupo onde está situada a América Latina e o Caribe (ALC) que entre 2012 e 2019, quando a economia crescia, ocupava o último lugar de crescimento de todas as regiões.

Este ano, espera-se que o grupo de economias emergentes e em desenvolvimento da Ásia seja o único com resultados positivos. Aqui está a China que, embora tenha tido um primeiro trimestre negativo, superou rapidamente a situação de emergência sanitária e espera-se que tenha um crescimento anual de 1,2%. Este valor está muito abaixo de sua média de crescimento das últimas décadas, mas continua obtendo resultados favoráveis. Também é o caso da Índia com um crescimento esperado

Tabela 1 Economias Emergentes e em Desenvolvimento

	Em percentuais	
	2020	2021
Ásia	1,0	8,5
Europa	(-) 5,2	4,2
América Latina e Caribe	(-) 5,2	3,4
Oriente Médio e Ásia Central	(-) 2,8	4,0
África Subsaariana	(-) 1,6	4,1
Total	(-) 1,0	6,6

Fonte: WEO de abril de 2020 do FMI

de 1,9% e a Indonésia com 0,5%. Estamos falando das economias número 1, 3 e 7 do mundo em termos de paridade do poder de compra.

Por enquanto, a ALC já não está sozinha na parte mais baixa da tabela, já que está acompanhada das economias emergentes e em desenvolvimento da Europa. O FMI espera que ambas tenham uma diminuição de 5,2% no PIB. Tomando como referência a ALC, a Tabela 2 mostra como crescem as diferenças quando dividimos por sub-regiões e países.

*Tabela 2 Alguns detalhes da América Latina e do Caribe
Projeções das mudanças reais no PIB*

	Em percentuais	
	2020	2021
América do Sul	-5,0	3,4
Brasil	-5,3	2,9
Argentina	-5,7	4,4
Chile	-4,5	5,3
Venezuela	-15,0	-5,0
América Central	-3,0	4,1
Nicarágua	-6,0	0,0
Panamá	-2,0	4,0
México	-6,6	3,0
Caribe	-2,8	4,0
Guiana	52,8	6,3

Fonte: Elaboração própria com dados do WEO de abril de 2020 do FMI

A América do Sul vem de sofrer nos anos anteriores uma queda significativa nos preços das matérias-primas acompanhada de desequilíbrios nas contas externas, e agora é golpeada por esta pandemia que complica duplamente a situação. O Brasil, a maior economia da América Latina e do Caribe, registrou retrações em 2015 e 2016, para posteriormente crescer a taxas muito baixas próximas a 1%. No ano anterior, conseguiu implantar com sucesso a reforma da previdência, mas esta pandemia afetou ainda mais, o baixo nível de investimento que, junto com uma economia parcialmente fechada, causaram quedas também no nível de produtividade. Tudo isto pode explicar a queda significativa prevista para este ano e a moderada recuperação esperada para 2021.

A Argentina possui uma dívida total equivalente a 323 bilhões de dólares, que representa 88% de seu Produto Interno Bruto. Em 22 de maio deixou de pagar 503 milhões de dólares em bônus emitidos de acordo com as leis norte-americanas. Apesar disso, está renegociando com credores internacionais sua dívida de 65 bilhões de dólares para a qual propuseram um período de carência de três anos, um corte significativo da taxa de juros e uma pequena redução de capital. Esta proposta foi inicialmente rejeitada por importantes fundos de investimento, que têm até 2 de junho para tomar uma decisão final. O atual governo continua trabalhando com o FMI, com quem tem uma dívida de 44 bilhões de dólares. Grande parte de seus resultados no futuro imediato depende de como este processo de reestruturação de sua enorme dívida terminar.

A crise humanitária da Venezuela é um caso à parte, já que nos últimos quatro anos perdeu 87% de sua produção de bens e serviços acompanhada de hiperinflação, falta de eletrificação e água. O resultado foi uma emigração estimada em cinco milhões de pessoas, muitas das quais se instalaram em países vizinhos. O

problema é que não só cairá este ano, mas também no próximo, quando se espera que quase todos os países se recuperem parcialmente dos efeitos desta pandemia.

Assim como a América do Sul está estreitamente ligada à China em matéria econômica, a América Central está amplamente ligada aos Estados Unidos. O Panamá foi uma das economias mais dinâmicas na região com uma taxa de crescimento média de 5,6% nos últimos oito anos. Sua economia está baseada em serviços como demonstram o Canal de Panamá, seu centro aéreo e as atividades financeiras. Por este mesmo motivo, foi fortemente afetado pelo COVID-19 e recorreu ao FMI para obter de forma rápida um financiamento de 515 milhões de dólares para poder reagir adequadamente. Com tudo isto, a retração econômica esperada este ano será recuperada em 2021, embora com taxas de crescimento menores do que a média mencionada anteriormente. Por outro lado, a Nicarágua enfrentou manifestações sociais nos últimos dois anos que reduziram a confiança dos cidadãos e das empresas, provocando saídas de capitais que resultaram em retrações econômicas de 4,0% em 2018 e de 3,9% em 2019. Como consequência, os bancos comerciais reduziram a concessão de créditos e o governo central teve que adotar medidas pró-cíclicas, aumentando os impostos. Por esta mesma razão, a diminuição do PIB será ainda maior este ano e calcula-se que em 2021 seja 0,0%.

México terminou 2019 com uma pequena recessão econômica e um saldo em 29 homicídios por cada 100.000 habitantes devido à falta de segurança pública. A emergência decorrente do COVID-19 veio acompanhada de uma drástica diminuição nos preços do petróleo, o que fez com que a Petróleos Mexicanos (PEMEX) perdesse o grau de investimento de duas agências de rating. Tudo isso, junto com um clima desfavorável para o investimento farão com que por segundo



Fotografia: Shutterstock

ano consecutivo a mudança no PIB seja negativa. Em 2020 espera-se uma retração de 6,6% com uma recuperação de 3,0% em 2021, baseada na estabilidade macroeconômica combinada com o impulso que darão os renovados tratados de livre comércio com a América do Norte e a União Europeia.

O Caribe tem entre suas principais fontes de renda o turismo internacional. Esta atividade praticamente desapareceu a partir de meados de março deste ano e permanecerá assim alguns meses mais. Por tudo isto, o FMI apoiou com empréstimos rápidos à grande maioria dos países da Comunidade de Estados do Caribe (CARICOM). Isto explica a esperada retração média de 2,8% no Caribe. A Guiana é o único país dos 33 entes soberanos que formam a América Latina e o Caribe que registrará um crescimento em 2020. Isto se deve aos 16 poços de petróleo descobertos em 2019, tanto pela Exxon Mobile (14) como pela Tullow (2), que começam a produzir neste ano. O governo deste país será beneficiado tanto pelo pagamento de impostos como pelos

possíveis ganhos de produção e venda de petróleo, o que explica o aumento esperado no PIB de 52,8%.

Em sua coletiva de imprensa de 17 de abril, Alejandro Werner, diretor do Departamento do Hemisfério Ocidental no FMI, mencionou que “a região enfrenta o espectro de outra década perdida entre 2015 e 2025, embora a um ritmo diferente”. Desta forma, ele tentava explicar que o PIB por habitante da América Latina e do Caribe não crescerá em média durante esses dez anos, influenciados tanto pela diminuição dos preços das matérias-primas como pela pandemia do COVID-19. Um otimista poderia esperar que, assim como o FMI se equivocou em suas previsões anteriores, que Alejandro Werner não acerte ao afirmar que a América Latina terá outra década perdida. No entanto, é pouco provável errar duas vezes seguidas, da mesma forma que é muito difícil ganhar o maior prêmio da loteria em dois sorteios seguidos. Tudo isto nos dá alguns elementos para refletir e nos obriga a pensar estrategicamente nos cenários futuros.

MELHOR TRÊS HORAS ANTES DO QUE UM MINUTO TARDE

NICOLÁS REMEDI RUMI
Universidade Católica do Uruguai



Fotografia: Shutterstock

O ato II, cena II, de As alegres comadres de Windsor, comédia escrita em 1602 por William Shakespeare, lança um conselho que vários séculos depois nos convidam a refletir sobre a importância de agir a tempo em épocas de crise.

No último número de 2019 da Pódium, o artigo intitulado «*Perspectivas econômicas para 2020 – Desaceleração sincronizada de 90% das economias mundiais*» dá dicas que nos orientam e interpelam sobre como devemos agir no contexto da pandemia do COVID-19. O mesmo conclui, entre outras coisas, que de acordo com o primeiro discurso de Kristalina Georgieva, diretora-gerente do Fundo Monetário Internacional, realizado em 8 de outubro, é importante ter uma resposta de política econômica sincronizada caso a desaceleração sincronizada venha a piorar.

Naquele momento, o desafio estava vinculado à desaceleração econômica e à importância de uma ação conjunta de todos os países, não havia nenhum indício do *Cisne Negro*² que se aproximava; o primeiro surto foi identificado na cidade chinesa de Wuhan em dezembro.

Não importa se o leitor faz parte do setor público, privado, acadêmico ou de uma instituição da sociedade civil, é fundamental agir sob a premissa de que é “melhor três horas antes do que um minuto tarde”, sendo assim, podemos afirmar que a “reconstrução” do mundo pós-COVID-19 começa agora.

NÃO DECIDIR NÃO É UMA OPÇÃO

A pandemia do COVID-19 reduziu significativamente os tempos de reação do setor privado. Se a tomada de decisões importantes em momentos de relativa “calma” era uma questão complexa, fazê-lo em situações tão adversas como a atual é ainda mais, principalmente quando a decisão de “não decidir” já não é uma possibilidade. Parece que ficaram para trás as “receitas” de esperar para decidir sobre alguma coisa, depois de obter mais e melhores informações para assim tomar uma boa decisão, dentro de uma emergência sanitária que traz consigo um ponto de inflexão da economia e da sociedade, decidir é imposterável, mesmo que isso signifique fazê-lo com poucas informações, sob muita pressão e ciente de que é provável que alguns erros serão cometidos nesse exercício.

Em cenários tão incertos como o que ora atravessamos, ficam claras pelo menos três questões: a importância de obter eficiência a qualquer custo, romper o paradigma de que inovar é uma questão distante ou para poucos, e a importância de avaliar que tipo de medidas a política pública pode adotar para amortizar os impactos da mudança de era que se aproxima no

*Tenho certeza de que se trabalharmos juntos, cientes dos desafios e interesses de cada um, poderemos construir um futuro melhor para todos.*¹

**Kristalina Georgieva, Diretora-Gerente do
Fundo Monetário Internacional**

¹ <https://www.imf.org/es/News/Articles/2019/10/03/sp100819-AMs2019-Curtain-Raiser>

² Metáfora que descreve um acontecimento inesperado (para o observador), de grande impacto socioeconômico e que, depois que o evento passa, se racionaliza analisando-o em retrospecto (fazendo que pareça que era previsível ou explicável e dando a impressão de que era esperado).

pós-COVID-19, com base num diálogo constante com o setor privado e acadêmico.

INOVAÇÃO, MESMO COM RECURSOS LIMITADOS

Embora estejamos acostumados a associar a inovação ao desenvolvimento de produtos ou processos novos que agregam valor, hoje o conceito de inovar adquiriu uma nova dimensão: inovar é resolver problemas de um jeito diferente daquela que estávamos acostumados; e isso passou a ser obrigatório quando o COVID-19 criou um ponto de inflexão nos paradigmas que nos regem.

Se há alguns meses disséssemos que o *e-commerce* ou o comércio on-line seria uma forma de atingir um determinado segmento de clientes, soaria a utopia para a grande maioria dos empreendedores e empresários de qualquer lugar do país e da região. Com a chegada de uma pandemia que rompeu todos os esquemas e impôs uma mudança abrupta nos hábitos de consumo, no marketing digital e na venda pela internet é que conseguimos vislumbrar parte da resposta sobre o que fazer. No entanto, só fazendo melhor as coisas em relação aos processos, canais de comercialização ou redefinindo uma proposta de valor é que poderemos avançar.

Sendo assim, uma coisa é certa: não há receitas. Qualquer gestão precisa não só obter eficiência, mas também conseguir implantar mudanças mais ou menos pequenas, mas efetivas, que aliviem a carga desencadeada pelo COVID-19, envolvendo as pessoas do grupo que colaboram durante as adversidades, e complementar tudo isso aproveitando as medidas de apoio oferecidas ao setor privado.

A IRRITABILIDADE EM RELAÇÃO AOS IMPONTUAIS

Não estamos descobrindo a pólvora se afirmamos que as apostas têm como foco a importância da competitividade e da produtividade, entretanto, isto não é possível apenas com a boa vontade dos Estados e um sério compromisso do mundo acadêmico de forma isolada e individual, para aproveitar as oportunidades que nos oferece o mundo moderno e redefinir as estratégias de inserção é necessário um empoderamento do setor privado, sem ele como caixa de ressonância da economia, haverá pouco espaço para sermos assertivos nas tentativas que realizemos no “novo normal”.

De acordo com o descrito no parágrafo acima, vale destacar a importância do compromisso do setor privado na geração de propostas, afinal de contas, nem tudo depende do Estado. A “boa” implementação de uma articulação entre os setores público, privado e acadêmico, depende da capacidade para colaborar e criar espaços onde sejam compartilhadas informações e experiências, e sejam esclarecidos os consensos e dissensos existentes. Estes espaços de diálogo têm que ter certa continuidade, para que seja possível explorar a diversidade de perspectivas, propostas e projetos que possam apresentar cada participante dentro do espaço de colaboração.

Terminamos o artigo como começamos; Georigeva, em seu primeiro discurso, utilizou a imagem do nado sincronizado como metáfora para explicar que cada passo que é dado requer que nenhum integrante chegue à mesa de diálogo com atraso.

A RAINHA VERMELHA

RICARDO B. SALINAS



Imagem: Wikimedia Commons.

*«It takes all the running you can do, to keep
in the same place...»*

Lewis Carroll

Há algum tempo li um livro interessante do cientista evolucionista Matt Ridley, que fala sobre a teoria conhecida no meio científico como “A rainha vermelha”, segundo a qual, é preciso haver uma adaptação contínua para que uma espécie se mantenha estável em relação ao ambiente com o qual ela coevoluiu.

Traduzindo em palavras que nos são familiares: a melhoria contínua permite que as diferentes espécies de seres vivos estejam em equilíbrio com o ambiente que lhes rodeia, o qual também está evoluindo, sendo portanto muito difícil que uma espécie obtenha um benefício especial porque todas estão em constante transformação.

Particularmente, chama a atenção sua conclusão de que a concorrência é inerente à nossa natureza, está em nossos genes e se manifesta através das expressões mais elementares de nossa vida.

De acordo com Ridley, a batalha vem sendo travada ao longo de milhões de anos, expressando-se num processo evolutivo resultado da luta dos indivíduos pela sobrevivência.

As empresas também lutam por sua sobrevivência e nesta luta introduzem inovações, algumas bem-sucedidas e outras nem tanto, mas nenhuma delas, por mais bem-sucedida que seja, pode garantir a sobrevivência da organização no longo prazo, porque o ambiente no qual ela está inserida evolui junto com ela. As empresas não

podem ficar imóveis, devem seguir sempre o conselho da Rainha Vermelha do conto de Lewis Carroll: nunca pare de correr.

Outra forma de interpretar esta ideia é que os indivíduos e as organizações que não estão sujeitas à concorrência, não evoluem, por isso é fundamental combater os monopólios.

Em diversas ocasiões eu comentei que tenho certeza de que a concorrência nos permite melhorar, tanto no âmbito pessoal como nos negócios. A concorrência traz superação e progresso, pessoas melhor capacitadas e empresas que lutam constantemente para oferecer melhores produtos e serviços que superem os de seus concorrentes, e este processo não termina nunca, mesmo que quiséssemos.

O texto de Ridley diz que os seres humanos evoluem para solucionar problemas, sendo que a evolução como tal não é o fim, mas o meio para atingir nossos objetivos. Nós, como seres humanos, prosperamos de acordo com nossa habilidade para tomar decisões e exercer nosso talento individual.

Esta habilidade relacionada com o livre arbítrio não é casual, mas um meio para satisfazer nossas necessidades, competir com outros seres humanos, lidar com diferentes adversidades e resolver problemas.

No conto de Lewis Carroll “Alice através do espelho”, a Rainha Vermelha aconselha Alice a correr o máximo que puder para permanecer no mesmo lugar porque tudo no país também está se movimentando. Se quisermos chegar a outro lugar, teremos que ser pelo menos duas vezes mais velozes que isso. Por isso é necessário dobrar os esforços para superar nossos concorrentes e mesmo quando conseguirmos superá-los não devemos nos conformar.

Por outro lado, nem tudo é concorrência. O autor cita o biólogo evolutivo William Donald Hamilton, que afirma que a evolução também é compatível com

a cooperação e o altruísmo animal. A alta capacidade humana para o altruísmo e a generosidade é tão natural como o egoísmo.

Mas se a reciprocidade é a chave da cooperação humana, a livre concorrência também é inevitável. Segundo o livro, uma enorme experiência chamada comunismo, realizada num laboratório chamado União Soviética, é a prova de que qualquer empresa humana, se não for exposta à fogueira da concorrência, estará fadada ao fracasso.

Ridley conclui que “durante anos as políticas ocidentais enfrentaram o desafio de encontrar o equilíbrio entre cooperação e concorrência”, e cita o biólogo Egbert Leigh: “A inteligência humana ainda tem que criar uma sociedade onde a livre concorrência entre seus membros trabalhe em prol do bem comum”. E isso é o que estamos fazendo.



**RICARDO BENJAMÍN
SALINAS PLIEGO**

Presidente e Fundador do
Grupo Salinas.

ENTREVISTA

Enrique García analisa os desafios que a América Latina enfrentará após a pandemia

OEI



Fotografia: www.jornal.usp.br

A pandemia do COVID-19 ocorre num momento de profunda fragilidade da maioria dos governos da região que nos últimos anos não souberam lidar, de maneira adequada, com as demandas sociais das classes médias emergentes. O economista boliviano Enrique García falou em uma entrevista sobre as várias implicações que essa epidemia global terá sobre educação, economia e produtividade. Don Enrique García é co-presidente do Conselho Ibero-Americano de Produtividade e Competitividade (CIPYC) e faz parte do mais alto órgão de governo e administração do Instituto Ibero-Americano de Educação e Produtividade (IIEYP-OEI). Foi presidente executivo do CAF-Banco de Desenvolvimento da América Latina, tesoureiro do Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) e governador de seu país no Grupo Banco Mundial, o BID e a Fonplata.

Na sua opinião, qual será o impacto da crise sanitária do COVID-19 na região ibero-americana, suas sociedades, governos e economias?

A pandemia do COVID-19 gerou uma crise sanitária global que terá um profundo impacto no futuro da economia, da política e das relações humanas. Sem dúvida a América Latina será atingida muito fortemente como mostram os últimos números, indicadores e projeções. O PIB da Região cairá entre 5% e 6% em 2020 com um grave impacto negativo nos indicadores de emprego, níveis de pobreza, inclusão e equidade social. Ao mesmo tempo, a recuperação econômica em 2021 e nos próximos três a cinco anos não será nada fácil tendo em conta o complexo contexto internacional, assim como as limitações fiscais e de endividamento externo que tem a maioria dos países da Região. Outro aspecto a ser considerado é que a Região leva vários anos com baixo nível de crescimento e deterioração de seus indicadores sociais, depois do período de bonança que viveu a partir do início deste século. É verdade que os resultados positivos alcançados até 2013 foram fruto do super ciclo do preço das matérias-primas que começou no início deste século e de outros fatores conjunturais externos positivos. Essa conjuntura favorável permitiu que a Região obtivesse altas taxas de crescimento com uma considerável redução dos níveis de pobreza. No entanto, a Região não aproveitou uma conjuntura tão favorável como a descrita anteriormente para realizar as mudanças estruturais indispensáveis para avançar num processo de transformação produtiva que fosse consistente com a quarta revolução industrial e outras transformações geopolíticas, econômicas e sociais globais. Além disso, como mostram diversos indicadores, em termos de desenvolvimento, é evidente que nas últimas décadas a América Latina perdeu importância relativa no mundo e muito particularmente em relação aos dinâmicos países emergentes asiáticos.

Esta realidade e o fato de que a pandemia causada pelo COVID-19 terá um impacto muito negativo na Região, são um claro indício de que este é um momento histórico que exige uma profunda reflexão por parte de todos os agentes relevantes no mundo e na Região. Sendo assim, é preciso encontrar caminhos alternativos para que a América Latina possa avançar rapidamente na elaboração de estratégias renovadas de desenvolvimento e cooperação regional que, além das medidas de emergência necessárias no curto prazo, tenham um enfoque holístico com visão de longo prazo. Essas estratégias devem buscar consolidar um modelo de desenvolvimento sustentável e de cooperação que promova um padrão de crescimento econômico alto, estável e eficiente que permita, simultaneamente, maior inclusão e equidade social.

É preciso encontrar caminhos alternativos para que a América Latina possa avançar rapidamente na elaboração de estratégias renovadas de desenvolvimento e cooperação regional que tenham um enfoque holístico com visão de longo prazo.

De acordo com as previsões do FMI, esta crise será profunda e durará muito tempo, especialmente no que diz respeito à recuperação. Na sua opinião, qual é o papel que a comunidade internacional deve assumir para apoiar a recuperação da região ibero-americana depois desta crise?

Para recuperar as economias ibero-americanas e adotar uma estratégia integral de desenvolvimento que lhes permita promover um processo renovado de desenvolvimento, será indispensável estabelecer mecanismos de

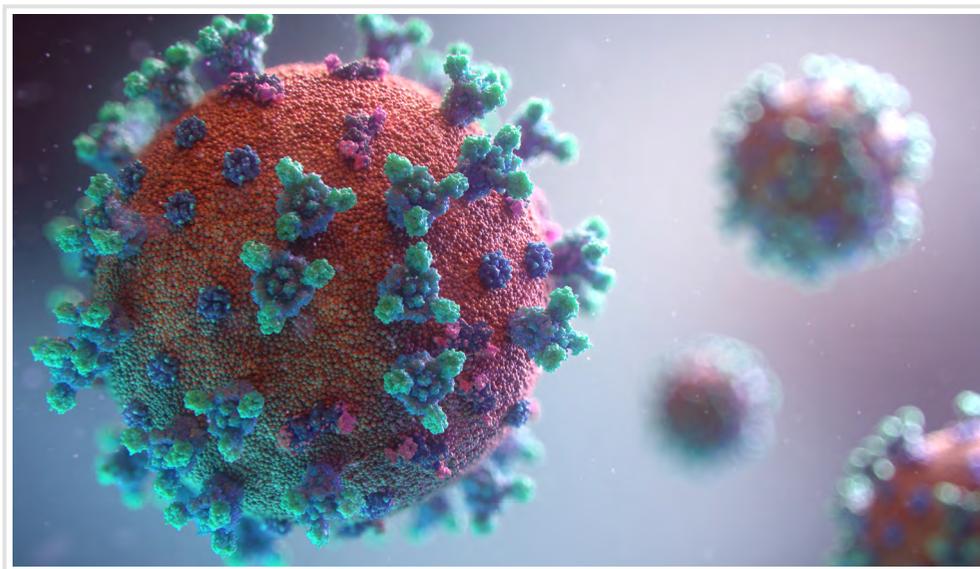


Imagem: Fusion Medical Animation-Unsplash

coordenação e cooperação que facilitem o diálogo e os consensos. Este é o momento ideal para que os países individualmente e a Região, como um todo, realizem os ajustes necessários para fortalecer a institucionalidade democrática, também enfraquecida nos últimos anos. Além do esforço regional, é fundamental que sejam tomadas medidas globais com o fim de adequar e fortalecer as instituições de governança, interação e cooperação mundial, criadas depois da Segunda Guerra Mundial, que infelizmente foram perdendo força nos últimos anos, principalmente pelos conflitos e tensões comerciais e de outra índole entre os Estados Unidos e a China. Da mesma forma, será necessário que a Região retome as bandeiras e esforços de cooperação e integração estabelecidos com entusiasmo a partir da década de sessenta do século passado e que infelizmente também diminuíram nos últimos anos por divergências ideológicas e de abordagem. Como consequência desta situação, observa-se a proliferação de instituições e esquemas de integração que mostram uma fragmentação pouco efetiva.

Nesse contexto, a cooperação internacional multilateral, bilateral e a ação direta, tanto dos governos como do setor privado, é fundamental. Neste sentido, o papel das instituições multilaterais de financiamento e cooperação internacional nas suas diversas especialidades tem, sem dúvida, uma função muito importante. Especialmente os organismos multilaterais de financiamento entre os quais se destacam o FMI, o Banco Mundial, BID, CAF, BCIE, FLAR, Fonplanta têm que desempenhar um papel fundamental tanto na etapa de emergência como na de recuperação. Ao mesmo tempo, a interação colaborativa destas instituições com a ampla cadeia de bancos de desenvolvimento, instituições financeiras e organismos de coordenação e cooperação técnica no âmbito nacional e ibero-americano, devem ser fornecedores e catalisadores, não só de recursos financeiros para projetos, programas e iniciativas em setores econômicos e sociais prioritários, mas também promotores de soluções inovadoras em matérias relativas a uma efetiva transformação produtiva com inclusão social. Esse processo exigirá a adequação das

instituições, políticas públicas, práticas gerenciais e sistemas de interação e colaboração internacional.

Nestas circunstâncias, é indispensável que todas as instituições mencionadas anteriormente recebam o efetivo respaldo dos seus países membros e da comunidade internacional através de aumentos de capital, acesso a fontes bilaterais de financiamento, cumprimento das obrigações financeiras assumidas e, algo muito importante, através da flexibilização de procedimentos operacionais.

O papel das instituições multilaterais de financiamento e cooperação internacional nas suas diversas especialidades tem, sem dúvida, uma função muito importante.

Gostaríamos de saber qual é a sua visão sobre as soluções que no curto e no longo prazo, poderiam mitigar as consequências negativas desta crise na produtividade da região ibero-americana?

Além das medidas de emergência que deverão ser intensificadas para mitigar nos próximos meses o impacto negativo múltiplo da crise sanitária, decorrente das fragilidades dos sistemas de saúde e da interrupção dos processos produtivos e de intercâmbio de bens e serviços na maioria dos países, há uma série de oportunidades para a Região para que através da aplicação de políticas públicas, financiamentos, atração de investimentos estrangeiros e cooperação internacional, estimule o aumento substancial da produtividade que nas últimas décadas registrou um comportamento pouco satisfatório em termos comparativos internacionalmente. Neste contexto, a mudança de tendência é, indiscutivelmente, fundamental para transformar a produtividade em âncora e fator catalisador do impulso para que a Região dê um salto qualitativo e atinja um padrão de crescimento econômico e competitividade que acelere a transição do modelo tradicional de vantagens comparativas vigente na maioria dos países, para um de vantagens competitivas. Uma transição dessa natureza permitiria a geração de empregos de qualidade e a promoção e estímulo de empreendimentos com alta dose de criatividade e espírito inovador. Estes objetivos são precisamente a razão de existir do Conselho Ibero-Americano para a Produtividade e a Competitividade (CIPYC) e do Instituto Ibero-Americano para a Educação e a Produtividade (OEI).



Fotografia: Andrea Piacquadio-Unsplash

Tendo em vista as desigualdades econômicas e sociais da região, o desemprego afetará sobremaneira os pobres e as classes vulneráveis de renda média. Neste sentido, acha provável que esta crise aumente o emprego informal de forma generalizada na região?

Sem dúvida o impacto imediato da crise será um aumento do desemprego nos setores formais. Isso ocorrerá devido à perda em massa de emprego causada pela ruptura dos processos de produção e intercâmbio de bens e serviços nos âmbitos nacional, regional e global, cujo restabelecimento, de um nível de atividade normal, demorará muito tempo. Ao mesmo tempo, o amplo setor informal na Ibero-América sofrerá um impacto maior. Ao ser informal, não tem acesso aos diversos bônus, subsídios e outros benefícios colaterais que os governos estão concedendo com recursos fiscais para mitigar, ainda que parcialmente, o impacto negativo sobre os trabalhadores formais que perderam o seu emprego.

Sendo assim, o mais provável é que o emprego e os trabalhos informais aumentem depois que passar a fase crítica da pandemia. Isso significa que os governos e as instituições de cooperação internacional deverão priorizar a criação de estratégias e instrumentos para enfrentar esta situação e buscar

alternativas que estimulem e facilitem a formalização do trabalho. Um aspecto importante, dentro das políticas renovadas de desenvolvimento que deverão ser implementadas no médio prazo, é a criação e fortalecimento dos esquemas de formação de recursos humanos com ênfase no desenvolvimento de habilidades relacionadas com a demanda futura de mão de obra num mundo digital muito diferente ao do passado.

Os governos e as instituições de cooperação internacional deverão priorizar a criação de estratégias e instrumentos para buscar alternativas que estimulem e facilitem a formalização do trabalho.

As medidas para conter a propagação do coronavírus aceleraram a transformação digital no âmbito do trabalho e da educação. No caso da educação, o uso das novas tecnologias digitais poderá provocar uma mudança nos sistemas educacionais da região? E se isto acontecer, os países da região estariam preparados tecnicamente para dar suporte a este novo sistema? Poderíamos estar diante de um novo modelo de ensino e aprendizagem na região ibero-americana?

Uma das lições importantes da quarentena decretada em todo o mundo devido à pandemia é que a revolução digital, produto da quarta revolução industrial, é um fato real e tangível em franca e dinâmica evolução. Tanto é assim que nos últimos meses vimos que em muitas atividades é possível interagir eficientemente, estando em casa, com colegas de escritório, clientes, prestadores de serviços, assim como participar em conferências, aulas e outros tipos de eventos. Se esta experiência significa uma mudança profunda nos modelos de ensino é algo que está atualmente na mesa de análise e discussão. Minha impressão é que não há dúvida de que os futuros sistemas de educação terão que se adaptar aos novos tempos, mas deverão fazê-lo buscando combinar de forma realista, a educação presencial mais tradicional com a educação à distância. O mais importante é que as modalidades e fórmulas que forem adotadas no futuro considerem fatores como a qualidade do ensino, o acesso a sistemas digitais de acordo com os princípios de equidade social, as repercussões sobre os tipos de relações no âmbito familiar e na equidade de gênero. Ao mesmo tempo, devem ser analisadas as consequências dos modelos alternativos na sustentabilidade financeira das instituições de ensino. A Ibero-América tem que estar muito presente neste debate crucial, principalmente através das instituições especializadas em educação, cultura e apoio à juventude. A OEI detém, neste contexto, um papel desafiador que deve ser estimulado e apoiado com entusiasmo.

As previsões indicam que esta crise fomentará um aumento da digitalização e que isso terá um forte impacto na economia ibero-americana. Como estamos em relação a esse desafio digital? Até onde pode chegar?

É óbvio que a experiência da pandemia, que tornou indispensável a utilização de tecnologias e sistemas

digitais de informação e comunicação (TIC), não só veio para ficar, também vai aumentar no futuro. Este é um sinal importante para os países ibero-americanos que, embora tenham progredido bastante nos últimos anos no que diz respeito à implementação de sistemas digitais de tecnologia da informação e comunicação, ainda estão muito atrasados em comparação com os países avançados e com os emergentes mais dinâmicos da Ásia. Por esta razão, na elaboração e implementação de uma estratégia renovada de desenvolvimento futura, este aspecto deve ser considerado como a plataforma fundamental de um modelo de transformação produtiva e inserção internacional, através do qual seja possível obter um crescimento econômico alto, estável, competitivo, inclusivo e sustentável.

Prevê-se que esta crise afete mais diretamente mulheres e meninas. Sendo assim, quais seriam, na sua opinião, as medidas que deveriam ser tomadas para garantir a dimensão de gênero na resposta e desse modo suprir as principais necessidades das mulheres e meninas?

Efetivamente, o impacto negativo da pandemia sobre as mulheres e meninas será maior do que no caso dos homens. É importante que os governos, o setor privado e a comunidade internacional priorizem o desenvolvimento de instrumentos e mecanismos financeiros e de apoio comunitário que busquem mitigar os impactos negativos citados acima. Ao mesmo tempo, questões como a igualdade de gênero e desenvolvimento das meninas num ambiente de respeito, igualdade de oportunidades e principalmente segurança na sua vida cotidiana, devem ser introduzidas com alta prioridade na agenda de médio e longo prazo de uma estratégia renovada de desenvolvimento para a Ibero-América.

MULHERES: UM SETOR VULNERÁVEL

As mulheres serão mais afetadas que os homens pela pandemia devido a diversos fatores, entre os quais vale destacar principalmente os seguintes:

- Maior presença feminina nos setores da saúde mais diretamente ligados à emergência sanitária (enfermeiras e serviços em hospitais e postos de saúde), principalmente pelos riscos de contaminação devido à falta de sistemas de proteção adequados.
- Acesso limitado a serviços de saúde sexual e reprodutiva.
- A maioria do setor informal é formada de mulheres.
- Maior carga de trabalho e obrigações familiares relacionadas com o cuidado dos filhos.
- Aumento da violência de gênero devido ao isolamento na quarentena.
- As meninas estão mais expostas à discriminação, especialmente na escola.

Como a crise causada pelo COVID-19 poderia comprometer a integração econômica na Ibero-América? Poderia ser uma oportunidade para a região?

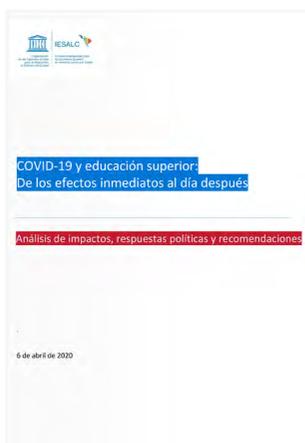
Os impactos negativos da crise sanitária no crescimento econômico, emprego, níveis de pobreza e especialmente na equidade social, junto com os atrasos que apresenta a região em termos de produtividade, competitividade e outros indicadores relevantes, em comparação com países avançados e países emergentes asiáticos mais dinâmicos, são um claro incentivo para adequar e fortalecer os esquemas de integração regional que, como mencionei anteriormente, estão numa etapa de lamentável fragmentação. Neste sentido, é crucial voltar a colocar essa questão para o mais alto nível político ibero-americano a fim de conseguir estabelecer mecanismos institucionais de cooperação e coordenação renovados e realistas, conformes com os desafios da nova época em suas dimensões geopolítica, econômica e social. Tomara que as lideranças existentes tenham a visão, realismo e desprendimento necessários em conjunturas tão especiais como a presente. A ampla infraestrutura institucional de cooperação ibero-americana criada e construída com sucesso nas últimas décadas deverá se adaptar e se colocar a serviço destes importantes desafios.

PRINCIPAIS PUBLICAÇÕES SOBRE ENSINO SUPERIOR E PRODUTIVIDADE



EFECTOS DE LA CRISIS DEL CORONAVIRUS EN LA EDUCACIÓN

Análise dos efeitos acadêmicos do fechamento dos colégios devido à pandemia do coronavírus. Como afeta a evasão escolar e que medidas são necessárias para reduzir seu impacto social e na educação na região ibero-americana. <https://www.oei.es/Ciencia/Noticia/oei-analiza-como-afectara-el-cierre-colegios-coronavirus>



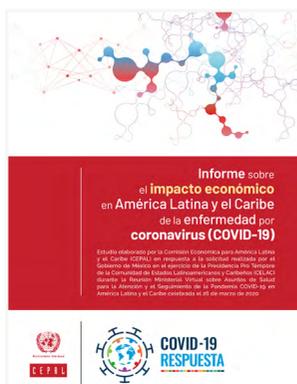
COVID-19 Y EDUCACIÓN SUPERIOR: DE LOS EFECTOS INMEDIATOS AL DÍA DESPUÉS

Recomendações para os governos e universidades da América Latina, para que tomem as medidas adequadas para proteger a saúde da cidadania, evitando violar o direito à educação. Por este motivo, as instituições de ensino superior da região estão utilizando as novas tecnologias para continuar dando aulas não presenciais. O resultado desta migração da modalidade presencial para a modalidade à distância está sendo muito heterogêneo e condicionado por dois fatores: as capacidades institucionais em matéria de educação virtual, baseadas em sua experiência prévia, e o marco regulatório. <http://www.iesalc.unesco.org/wp-content/uploads/2020/04/COVID-19-060420-ES-2.pdf>



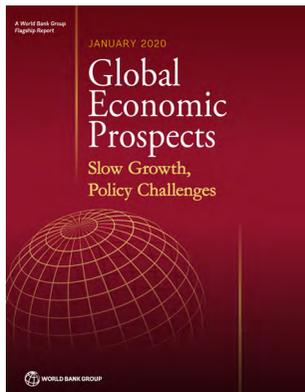
LA EDUCACIÓN SUPERIOR TÉCNICO PROFESIONAL FRENTE AL COVID-19

Análise dos efeitos desta crise no ensino superior, particularmente na educação superior técnico profissional (ESTP), com destaque especial nas instituições chilenas. O relatório está baseado num estudo comparativo com outras experiências internacionais. Também analisa como os diferentes sistemas de ensino técnico de nível superior do mundo reagiram à crise. <https://www.oei.es/en/Ciencia/News/se-presento-informe-sobre-educacion-superior-tecnico-profesional-covid>



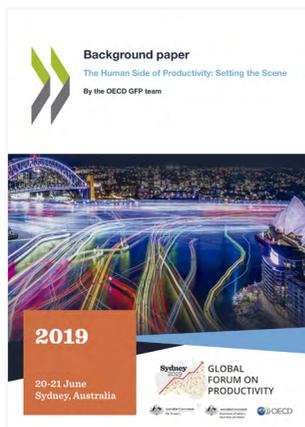
INFORME SOBRE EL IMPACTO ECONÓMICO EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE DE LA ENFERMEDAD POR CORONAVIRUS (COVID-19)

Estudo elaborado pela Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) em resposta ao pedido realizado pelo Governo do México no exercício da Presidência Pro Tempore da Comunidade de Estados Latino-Americanos e Caribenhos (CELAC) durante a Reunião Ministerial Virtual sobre Assuntos de Saúde para a Atenção e Acompanhamento da Pandemia de COVID-19. O relatório analisa três aspectos: os impactos econômicos e sociais da pandemia na região, as ações implantadas pela CEPAL e o conjunto de recomendações de políticas para enfrentar a pandemia e seus efeitos em diferentes âmbitos <https://www.cepal.org/es/publicaciones/45602-informe-impacto-economico-america-latina-caribe-la-enfermedad-coronavirus-covid>



PROSPECTOS ECONÓMICOS GLOBALES

Relatório do Grupo do Banco Mundial publicado em 20 de janeiro de 2020 sobre o baixo crescimento e os desafios da política pública. Seu capítulo 3 está dedicado à produtividade e a considera uma promessa que está se desvanecendo. Detalha o estado da situação no mundo e explica como reativar o crescimento da produtividade. <https://openknowledge.worldbank.org/handle/10986/33044?locale-attribute=es>



EL LADO HUMANO DE LA PRODUCTIVIDAD: PREPARANDO EL ESCENARIO

Documento elaborado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Propõe um esquema para abrir a caixa preta das empresas, ao analisar seus donos, administradores e trabalhadores, como os principais grupos que determinam a produtividade da sociedade com fins lucrativos.

<https://www.oecd.org/global-forum-productivity/events/Human-side-of-productivity-background-paper.pdf>.

DIRETÓRIO PÓDIUM

Organização dos Estados Ibero-Americanos para
a Educação, a Ciência e a Cultura - OEI

MARIANO JABONERO
Secretario general

Conselho Iberoamericano de Produtividade e
Competitividade - CIPYC

ENRIQUE V. IGLESIAS
Copresidente

ENRIQUE GARCÍA
Copresidente

MIGUEL HAKIM
Director

MIGUEL HAKIM
Editor CIPYC

MARÍA ADIEGO
Editora OEI

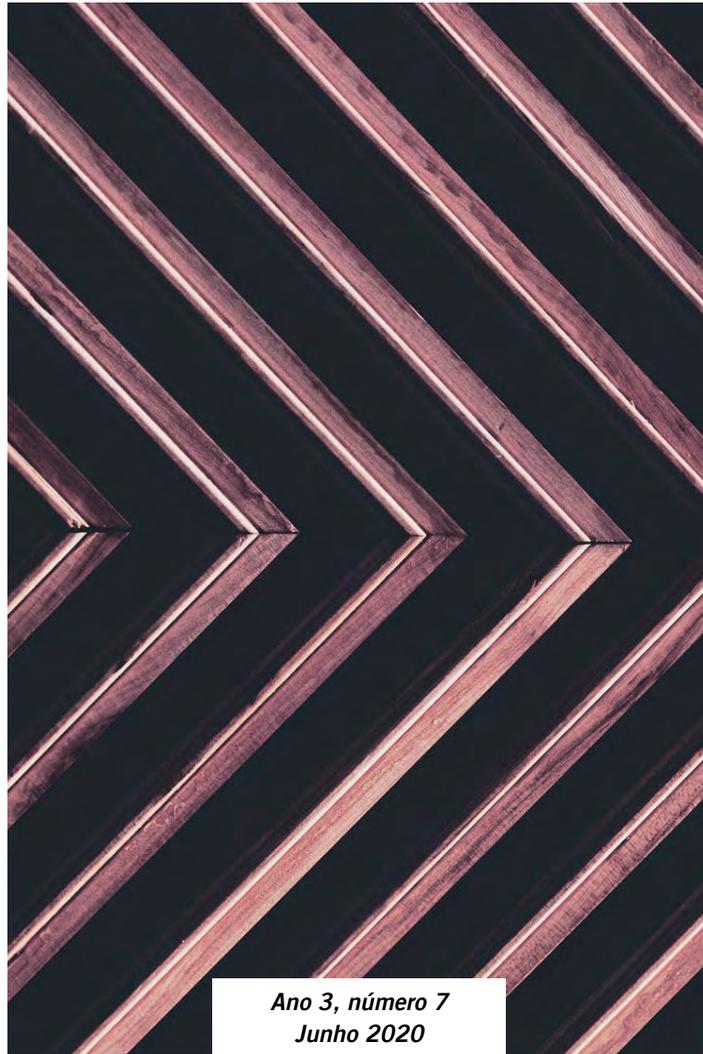
FRANCISCO RASCÓN
Desenho editorial

ROSA QUINTANILLA
Coordenação editorial

Pódium. Año 3, n.º 3, número 7. Junho 2020. Revista editada pelo Conselho Ibero-Americano de Produtividade e Competitividade (CIPYC) e o Instituto Ibero-Americano de Educação e Produtividade (IIEYP-OEI). Escritórios no Príncipe de Vergara 187, Madrid, Espanha, C. P. 28002. Editor responsável: Miguel Hakim Simón. revista@cipyc.org / www.cipyc.org.

FOTOGRAFIA DE CAPA: *Tim Mossholder - Pexels.com*

PŌDIUM



*Ano 3, número 7
Junho 2020*